

ESCLARECER A NATUREZA DO MUNDO

Waldomiro Silva Filho

waldojsf@ufba.br

W. V. Quine. *Quine in Dialogue*. Editado por Dagfinn Føllesdal e Douglas B. Quine. Cambridge, Mass.; London : Harvard University Press, 2008, 378p.

1. Numa entrevista de 1993, Steven Vita perguntou a Quine: “Qual é o aspecto mais gratificante da filosofia?”. Num tom modesto, Quine respondeu: “... para mim, é o esclarecimento da natureza do mundo, da natureza da realidade.” Este talvez seja o modo mais direto e eloqüente de expressar a perspectiva de Quine em relação à tarefa e lugar da filosofia – e a maneira como ele enxergava seu próprio trabalho filosófico. Essa entrevista está presente numa preciosa coletânea que acaba de ser publicada pela Harvard University Press, *Quine in Dialogue*, organizada por seu filho, Douglas B. Quine, e Dagfinn Føllesdal.

O aparecimento de *Quine in Dialogue*, ao lado de duas outras publicações recentes, *Confessions of a Confirmed Extensionalist*¹ e *Quine* de Peter Hylton², vem testemunhar não apenas a presença inabalável do interesse pelas idéias de Quine, mas, principalmente, a força de um estilo de prática intelectual que tem marcado profundamente a comunidade

filosófica de língua inglesa; uma prática que tem como traço o *diálogo* amplo, aberto e indeterminado em torno de temas, problemas e conceitos e não o culto a personagens, obras e teorias do passado.

2. O ideal da filosofia como um trabalho de elucidação e clarificação de conceitos e pensamentos atravessa e constitui a História da Filosofia, de Platão a Kant. E o método de uma crítica do significado e da linguagem, como sugere Donald Davidson (2001, p. v), não pode ser considerado estritamente uma *doutrina filosófica*, mas uma atitude adotada por filósofos em diferentes épocas e situações; ela é praticada sempre que se solicita o argumento em meio a mentes abertas ao diálogo e ao entendimento mútuo e reflete a tentativa de encontrar razões para as teses em disputa sobre uma dúvida fulcral ou desacordo moral e epistemológico fundante (como ensinara Sócrates).

A Filosofia Analítica, porém, no horizonte do século XX, deu um novo sentido para essa busca de clareza e lucidez: com Frege, Peirce, Wittgenstein e Carnap, à luz dos progressos das Ciências Naturais e da Lógica, gestou-se a confiança de que se poderia iluminar as confusões, ambigüidades e afirmações sem sentido que tomaram de assalto as filosofias tradicionais e o imaginário humano, investigando a estrutura lógica do pensamento e da linguagem, compreendendo o modo como formamos nossas crenças e o que torna nossos comportamentos e ações racionais. Willard Van Orman Quine, num sentido muito preciso, teve um papel crucial nesse movimento e, conseqüentemente, na definição da agenda dos temas, instrumentos e procedimentos da filosofia contemporânea, propiciando um encontro original entre o pensamento norte-americano e

européu. Suas teses mais conhecidas – refutação da distinção analítico-sintético; a indeterminação da tradução; relatividade ontológica; behaviorismo; holismo; naturalização da epistemológica – envolvem os campos da ontologia, epistemologia, filosofia da linguagem e filosofia da mente e serviram para esboroar as fronteiras que historicamente se impunham entre filosofia e ciência natural e, nesse passo, desbravaram novos territórios para o inquérito filosófico.

3. *Quine in Dialogue* está organizado em três partes. A primeira parte, “Interviews”, é composta de oito entrevistas que abordam os variados tópicos da sua obra e explicam, sem tecnicismos e muitas vezes de modo bem-humorado, sua filosofia (aqui é possível ter um claro panorama da sua formação, carreira, influências e sua concepção do naturalismo). Na segunda parte, “Quine on Other Philosophers”, encontramos a correspondência trocada entre Quine e Russell entre 1937 e 1967; um conjunto de breves artigos onde Quine comenta os trabalhos de filósofos como Carnap, Davidson, Peirce e Gödel; comentários e resenhas que Quine fez de livros de colegas, Harold Jeffrey, Nelson Goodman, Imre Lakatos, entre outros; e, finalmente, réplicas e comentários a textos escritos sobre seu trabalho. A terceira e última parte, intitulada “Popular Pieces”, reúne 29 textos breves (uma miscelânea de verbetes de dicionário, apresentações breves e límpidas sobre sua compreensão de autores como Kripke, Dummett, Church, Skinner e Piaget, memórias, anotações sobre política e Deus etc.).

A concepção geral da obra é apresentar Quine como um filósofo que não somente manteve um rico diálogo com outros filósofos, muitos deles seus colegas e ex-alunos – influenciando e sendo influenciado por eles –, mas também

como um intelectual que acreditava que a prática do diálogo é fundamental para o avanço do pensamento. Como salienta Føllesdal na Introdução, Quine tinha todas as qualidades de um bom parceiro de diálogo: mesmo sendo um dos mais importantes pensadores da sua época, ele *nunca* tinha a postura dominante numa conversa, mas ouvia e respondia questões, sobretudo questões que exigiam melhores argumentos e esclarecimentos. Debater com Quine era invariavelmente uma experiência estimulante. Além disso, ele tinha um amplíssimo horizonte de interesses filosóficos e científicos e uma grande curiosidade por línguas e culturas estrangeiras (é famoso seu gosto por viagens) o que lhe provia de enorme caridade epistêmica em relação a posições diversas das suas.

Na minha opinião, este belo livro é a melhor e mais cativante introdução geral ao pensamento de Quine. Entre viagens de trem, esperas pelo metrô, visitando alguns lugares que Quine costumava freqüentar, nos intervalos dos meus compromissos acadêmicos, li suas quase quatrocentas páginas em pouco mais de uma semana, completamente seduzido por uma prosa leve, bem-humorada³, esperançosa, iluminadora.

4. Quine, que é considerado o mais influente filósofo norte-americano do século XX – tendo sido um dos responsáveis pelo delineamento dos contornos idiossincráticos da filosofia praticada nos Estados Unidos – é também o mais europeu e cosmopolita filósofo americano: foi influenciado por Peirce e Poincaré, por Dewey e Duhem, travou um dos mais profícuos diálogos na história recente da filosofia com Carnap; trabalhou e conviveu com personagens dos quatro

cantos do globo (inclusive do Brasil) e esteve atento à geografia e às línguas do mundo⁴. Nasceu em Akron (Ohio, Estados Unidos) no dia 25 de julho de 1908 e faleceu às vésperas do novo século, no Natal de 2000. Teve uma sólida formação científica e lógica (sua tese doutoral foi preparada sob orientação de Alfred Whitehead), foi professor em Harvard University desde 1935 e ensinou em Oxford, no Collège de France, em Tóquio e em São Paulo⁵.

Quine compreendeu a tarefa filosófica de um modo singularmente auspicioso: na sua obra, o filósofo não é um historiador da filosofia (mesmo que o conhecimento da filosofia do passado seja indispensável), nem se confunde com a imagem do sábio que vive isolado numa floresta, perseguindo a revelação originária e mística do ser; a sua tarefa é, outrossim, trabalhar para a elegância e simplificação do quadro conceitual ao qual estamos vinculados atualmente. Num dos seus mais importantes textos, “Ontological Relativity” publicado em 1969, ele sustenta que aqueles que são os temas recorrentes da filosofia – *conhecimento, mente e significado* – fazem parte de um mesmo mundo e *têm de ser estudados com o mesmo espírito empírico que anima a ciência natural*. Por isso, antes de mais nada, não há lugar para uma *filosofia primeira* anterior às ciências, como fundamento e justificação dos seus saberes. Primeiro, porque a filosofia não possui um objeto próprio singular nem um método de investigação autônomo – ela, na verdade, *constitui uma parte integrante da ciência, tanto pelos seus métodos quanto pelos seus interesses e conteúdo*. Segundo porque o filósofo não é portador de uma perspectiva privilegiada (ou, como diria Putnam, de um *ponto de vista do olho de Deus*): “*There is no such cosmic exile*”; ele pode estudar, prescrutar e revisar o esque-

ma conceitual da ciência e do sentido comum *a partir de dentro* – a partir do esquema conceitual no qual está inscrito e que não está, ele mesmo, *liberto da possibilidade do escrutínio filosófico*. Numa entrevista concedida em 1994 Bradley Edmister e Michael O’Shea (pp. 41-56), Quine reafirma que a filosofia não se confunde com a ciência, mas mantém uma relação de continuidade com ela ciência: a filosofia realiza uma análise geral dos conceitos básicos da ciência, como verdade, existência, necessidade – conceitos que o cientista toma já por garantidos.

5. Num texto intitulado “Five Milestones of Empiricism” Quine (1981) oferece sua interpretação dos desenvolvimentos do empirismo e da filosofia desde a modernidade e, ao fazer isso, deixa claro o que ele imagina ter sido sua contribuição pessoal à filosofia:

Nos últimos dois séculos houve cinco pontos face aos quais o empirismo mudou para melhor. O primeiro é a mudança de atenção das idéias para as palavras. O segundo é a deslocação do centro de interesse, em semântica, dos termos para as frases. O terceiro é a mudança do centro de interesse, em semântica, das frases para os sistemas de frases. O quarto é [...] o monismo metodológico: o abandono do dualismo analítico-sintético. O quinto é o naturalismo: o abandono do objetivo de uma filosofia primeira anterior à ciência natural. (p.67)

Os pontos de três a cinco estão no centro do pensamento de Quine – o holismo e o naturalismo. O holismo resulta do abandono da distinção entre as proposições que são verdadeiras em virtude exclusivamente do seu significado e as proposições cuja verdade depende do modo como o mundo é: a rigor, não se pode esperar que uma proposição tenha um sentido empírico próprio separado do significado

e independente da teoria. O naturalismo epistemológico é a expressão mais severa do abandono do objetivo de uma *filosofia primeira*. O filósofo naturalista justifica seus raciocínios no interior de uma teoria do mundo já plenamente madura (mesmo que seja falível e corrigível), ele *acredita* nesta teoria, mas, do mesmo modo, acredita que há pontos (e implicações) obscuros e imprecisos e procurará melhorar, clarificar e compreender a teoria a partir de dentro: “... eu filósofo a partir de um ponto vantajoso somente por nosso próprio esquema conceitual provincial e nossa época científica, é verdade; mas não conheço nenhum melhor” (QUINE 1969, p.25).

O filósofo naturalista, ocupado com o conhecimento e com as operações da mente, estará freqüentemente tratando de linguagem e significados: “Significados são, em primeiro lugar e antes de tudo, significados da linguagem. A linguagem é uma arte social que nós todos adquirimos, tendo como única evidência o comportamento aberto de outras pessoas em circunstâncias publicamente reconhecíveis” (QUINE 1969, p.26). O significado, como pensava Dewey e assente Quine, é a consequência das interações sociais, no convívio, na assistência mútua, na direção para a ação na qual a linguagem é uma função natural da associação humana. O que é decisivo na linguagem não é a “expressão” de alguma coisa (por exemplo, de um pensamento); o que é fundamental e substantivo na linguagem é a *comunicação*, a *cooperação em uma atividade na qual há parceiros* e a ação, que modifica e regula as relações mútuas. Por essa razão, o solilóquio, a introspecção intuitiva, a linguagem interior e o pensamento anterior à linguagem pública são necessariamente rejeitados.

6. Um dos textos mais marcantes de *Quine in Dialogue* – não do ponto de vista filosófico, mas do ponto de vista humano – é o brevíssimo “Advice to the Next Generation” (p. 358), Quine, como um sábio, oferece alguns conselhos às novas gerações. Transcrevo-o aqui, sem tradução, para não empalidecer sua beleza e força retórica:

Cultivate the inquiring mind. Don't suppress a question, however trivial, that sparks your curiosity. Track it down or look it up as soon as you can.

Enjoy what you are doing, what you are seeing, as fully as you can find anything in it to enjoy. Savor the moment, the scene, the sound, the word. *Carpe diem, horam, minutam.*

Try for a career where you can take pleasure or satisfaction in your work rather than just in the leisure after work. Earning less but enjoying your work, you are getting good returns for the sacrificed difference in income.

You must face dull chores and discipline too, for a rewarding expertise takes a dull deal of training. What is wanted is shrewd cost accounting and a prudent but not excessive investment in future.

Above all, cultivate easy and sincere friendships with kindred spirits and enter into them with generous sympathy. Sharing is the sovereign lubricant against the harshness of life.

...Quine reinventou a epistemologia, a lógica, a ontologia, ... a filosofia. Quine falava que com a filosofia se iniciava a tarefa *de tornar explícito o que se deixou tácito* e *de tornar preciso o que se deixou vago*; a filosofia deve expor e resolver os paradoxos, aplainar as asperezas... esclarecer a natureza do mundo.

Cambridge (Massachusetts), 11 de dezembro de 2009.

NOTAS

- 1 *Confessions of a Confirmed Extensionalist* é uma coletânea também organizada por Douglas B. Quine e Dagfinn Føllesdal e publicada pela Harvard University Press em 2008 e contém textos inéditos e alguns textos já publicados escritos ao largo de sessenta anos. É um livro importante para a compreensão do desenvolvimento da filosofia de Quine porque torna acessível inúmeros trabalhos que não aparecem em outras coletâneas, mas que são freqüentemente comentados pelo próprio Quine e seus críticos.
- 2 *Quine* de Peter Hylton, volume da coleção *Arguments of the Philosophers* da editora Routledge, mesmo não abordando o trabalho técnico de Quine no campo da lógica, possivelmente é a mais detalhada e compreensiva apresentação da filosofia de Quine, desenvolvendo com cuidado e profundidade as principais áreas de seu trabalho.
- 3 O diálogo entre Quine e Davidson (pp. 152-156) é muito divertido.
- 4 Foram publicados, sob coordenação de Dagfinn Føllesdal, cinco volumes que procuram reunir a *fortuna crítica* de Quine, com textos de discípulos, críticos e colegas, desvelando os vários caminhos do seu pensamento: volume 1, “General, Reviews, and Analytic/Synthetic”; volume 2, “Naturalism and Ethics”; volume 3, “Indeterminacy of Translation”; volume 4, “Ontology” e volume 5, “Logic, Modality, and Philosophy of Mathematics” (New York/London : Garland Publishing, 2000). Dois pontos devem ser destacados nesta publicação: a variedade e alcance dos interesses

de Quine e o vigor do debate que eles suscitou.

- 5 Sua permanência em São Paulo, além de propiciar um momento singular na formação da filosofia universitária no Brasil (quando se realizou o primeiro curso de lógica matemática numa universidade brasileira) resultou o livro *O Sentido da Nova Lógica*, escrito diretamente em português e publicado em 1944.

REFERÊNCIAS

DAVIDSON, D. Foreword. In: Bo Mou, ed., *Two Roads to Wisdom? Chinese and Analytic Philosophical Traditions*. Chicago and La Salle : Open Court, 2001.

HYLTON, Peter. *Quine*. New York, London : Routledge, 2007.

QUINE, W. V. *Ontological Relativity and other essays*. New York : Columbia University Press, 1969.

_____. Five Milestones of Empiricism. In: *Theories and Things*. Cambridge, Mass.; London : Harvard University Press, 1981, p.67-72.

_____. *Confessions of a Confirmed Extensionalist*. Editado por Dagfinn Føllesdal e Douglas B. Quine. Cambridge, Mass.; London : Harvard University Press, 2008.